

CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO E OBJETIVIDADE NAS CS

Prof. Gustavo Venturi

Pressupostos da disciplina de Métodos e Técnicas de Pesquisa num curso de Ciências Sociais:

- (1) os objetos dessas ciências – as relações sociais (Sociologia), as diferentes culturas (Antropologia), as relações de poder (C. Política) – podem ser investigados cientificamente.
- (2) há métodos específicos para empreender tal tarefa.

Objetividade que nem sempre foi evidente. Primeira lição: refletir sobre o que parece óbvio, **desnaturalizar o social**.

Ciências Sociais como produção de *conhecimento científico* que vai além de como o *senso-comum* se apropria do social, do cultural, do político.

Habermas: sociologia como “teoria da sociedade burguesa”, busca “explicar o curso tomado pela modernização capitalista das sociedades pré-burguesas analisando suas formas anômicas de manifestação”

- por um lado, resultante da situação histórica objetiva em que surge e, por outro, encontra nesse contexto “o ponto de referência a partir do qual vai trabalhar seus próprios fundamentos” (Teoria da Ação Comunicativa).

Fundadores sociologia terão como problema explicar a transição para a modernidade:

Comte (1798-1852): foco está na industrialização,

Marx (1818-1883): está no capitalismo.

Durkheim (1858-1917): passagem das sociedades baseadas em solidariedade mecânica para a solidariedade orgânica

Weber (1864-1920): das formas de dominação tradicionais para a dominação burocrática.

Sociologia como ciência: tributo às ciências naturais.

Auguste **Comte** (1798-1857), *Curso de Filosofia Positiva* (seis volumes, 1830-1842): Sociologia como ciência *natural* da conduta humana em sociedade.

Marquês de **Condorcet** (1743- 1794), *Essai sur l'application de l'analyse à la probabilité des décisions rendues à la pluralité des voix* e (1785) e *Esquisse d'un tableau historique des progrès de l'esprit humain* (1794) : o social é passível de tratamento matemático.

Adolphe **Quetelet** (1796-1874), *Sobre o homem e o desenvolvimento de suas faculdades, ou Ensaio de física social* (1835): as regularidades à luz dos dados sociais estatísticos seriam da mesma espécie das regularidades da natureza.

Saint-Simon (1760-1825, socialista utópico): sugere a Comte chamar a nova ciência de *fisiologia social*. Comte: cunha o termo *sociologia* – depois de cogitar *física social* e *ciência política*.

Karl Marx (1818-1883), teoria “sociológica”: especificidade da dimensão social, dinâmica e leis próprias de funcionamento - reivindica cientificidade para sua teoria (apreensão objetiva da realidade social - à semelhança das certezas prometidas pelas ciências naturais).

Comte e Marx: especificidade do objeto das ciências sociais, mas adotam a crença partilhada então pelas ciências naturais na possibilidade de apreender e explicar racionalmente o real em sua plena objetividade (exterioridade em relação ao sujeito).

Émile Durkheim (1858-1917) –

com Comte, concepção da Sociologia como uma ciência positiva: através de investigações metódicas de seu objeto é possível estabelecer as *leis necessárias* que regem sua existência,

contra Comte delimita o objeto da sociologia e afirma a especificidade de seu objeto e de seu método, exclusivamente sociológico:

A sociologia “tem um objeto claramente definido e um método para estudá-lo. O objeto são os fatos sociais; o método é a observação e a experimentação indireta, em outros termos, o método comparativo” (*A sociologia e seu domínio científico*, 1900).

“Fizemos ver que um fato social não pode ser explicado senão por outro fato social (...). A Sociologia não é, pois, o anexo de qualquer outra ciência; é, ela mesma, uma ciência distinta e autônoma, e o sentimento do que tem de especial a realidade social é de tal maneira necessário ao sociólogo, que apenas uma cultura especialmente sociológica pode prepará-lo para a compreensão dos fatos sociais”
(*As regras do método sociológico*, 1895).

A explicação dos fenômenos do “reino social” só depende de fatores sociais – a sociedade é fenômeno *sui generis*, exterior e independente dos indivíduos que a compõe.

Teoria durkheiminiana: a estrutura social tem precedência em relação ao agente. Desafio: em isolar o fato social, facultando ao investigador o alcance da objetividade.

Max Weber (1864-1920): não é possível captar a realidade social em sua suposta exterioridade objetiva. Nas ciências sociais a elaboração de conhecimento carrega, necessariamente:

- (1) o interesse do pesquisador no recorte desse objeto;
- (2) um significado que é atribuído a esse objeto, ao localizá-lo em uma seqüência de relações causais;
- (3) um sentido que só se explica em uma cultura que reconhece na ciência um valor:

"a validade objetiva de todo saber empírico baseia-se única e exclusivamente na ordenação da realidade dada segundo categorias que são subjetivas no sentido específico de representarem o pressuposto do nosso conhecimento e de se ligarem ao pressuposto de que á valiosa aquela verdade que só o conhecimento empírico nos pode proporcionar"

(A objetividade do conhecimento nas ciências sociais).

Teoria weberiana: o agente tem precedência em relação às estruturas sociais, a objetividade - enquanto *plena* separação do sujeito-investigador em relação ao objeto investigado - não pode ser alcançada.

Tarefa da Sociologia: *compreender* as motivações dos agentes sociais para se comportarem de tal ou qual maneira em contextos dados – motivações determinantes para a criação e reprodução das relações sociais de que os agentes participam.

Tarefas da compreensão sociológica:

- construir *explicações interpretativas*, tendo como objeto a conexão de sentido subjetivamente visado das ações sociais;
- encontrar “leis” ou regularidades, a serem confirmadas pela observação - *probabilidades* de que, em determinadas condições, as ações sociais tomem um curso compreensível à luz das motivações racionais derivadas do sentido subjetivo visado pelos agentes.

A combinação de ambas dimensões, objetiva e imaginária, é elemento determinante para a orientação das ações sociais dos indivíduos nelas inseridos.

Questionamento das ciências naturais no século 20: idéia de uma ciência natural que, assentada na premissa da exterioridade do objeto investigado frente ao sujeito investigador, prometera à razão o alcance da plena objetividade nas atividades científicas é abalada pelo desmoronamento de paradigmas, como a substituição da física newtoniana pela relatividade einsteiniana e por desenvolvimentos no campo da filosofia da ciência.

Se nem a exterioridade do objeto garante a objetividade do conhecimento, como resolver essa questão quando faz parte do objeto o próprio sujeito, suas ações, a relação entre os sujeitos, a relação entre os sujeitos e as instituições sociais?

Bourdieu (1930 – 2002): submete a possibilidade de produção sociológica às exigências de uma “vigilância epistemológica” permanente, evitando a reprodução inadvertida e ingênua do senso-comum sociológico de que todos são capazes.

Habitus: “sistemas de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, isto é, como princípio gerador e estruturador das práticas e das representações que podem ser `reguladas` e `regulares` sem ser o produto da obediência a regras, objetivamente adaptadas a seu fim sem supor a intenção consciente dos fins e do domínio expresso das operações necessárias para atingi-los e coletivamente orquestradas, sem ser o produto da ação organizadora de um regente” (*Esboço de uma teoria da prática*).

Centralidade do conceito de *habitus*: filiação à idéia última de uma precedência das estruturas sociais sobre a conduta dos indivíduos.

Anthony Giddens (1938 -): “a constituição de agentes e estruturas não são dois conjuntos de fenômenos dados independentemente – um dualismo – mas representam uma dualidade... [na qual] as propriedades estruturais de sistemas sociais são, ao mesmo tempo, meio e fim das práticas que elas recursivamente organizam. A estrutura não é ‘externa’ aos indivíduos: enquanto traços mnêmicos e exemplificados em práticas sociais, é, num certo sentido, mais interna que externa às suas atividades, num sentido durkheiminiano”.

“Mas também é igualmente importante evitar cair-se no equívoco oposto de abordagens hermenêuticas e de várias versões de fenomenologia, as quais tendem a considerar a sociedade a criação plástica dos sujeitos humanos (...) De acordo com a teoria da estruturação, o momento de produção da ação é também um momento de reprodução nos contextos de desempenho cotidiano da vida social”.
(A constituição da sociedade).

Crítica do “imperialismo do sujeito”, mas Giddens resgata as sociologias interpretativas e princípios da filosofia da linguagem de Wittgenstein – quer superar a dicotomia clássica entre a precedência ora das estruturas, ora dos dos agentes sociais para explicar o social.